

MUSEALIZANDO A PALAVRA: A HISTÓRIA ORAL COMO PROCESSO
MUSEOLÓGICO NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS
THE ORAL HISTORY AND THE MUSEALIZATION PROCESS

Julio C. Bittencourt Francisco

Resumo

Neste artigo propomos uma articulação possível entre o Patrimônio Cultural e a metodologia da História Oral na produção de textos ligados à Memória Social para elaboração de conteúdos museológicos. Usamos como paradigma um projeto de memória relativo a um grupo de imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes na cidade do Rio de Janeiro. Abordamos no trabalho algumas considerações envolvendo o processo de musealização desses conteúdos que vão desde a edição do texto final, ao formulário de consentimento para as entrevistas por parte do entrevistado, mas também a gestão de um projeto de memória, que inclui o uso e a salvaguarda do material produzido. Por fim, o trabalho problematiza as noções de história e memória destacando que as tradições representadas pelo cotidiano da família sírio e libanesa mostram-se, para o grupo, como seu patrimônio mais relevante.

Palavras-chave: História Oral, Processo de Musealização, Memória Social

Abstract

In the paper, we propose a possible link between the Cultural Heritage and the methodology of Oral History in the production of texts related to Social Memory to be use as museum content. As an example to illustrate the work, a Syrian and Lebanese immigrant and their descendant memory project in the city of Rio de Janeiro is showcase. In the paper, we discuss some considerations involving the musealization process of such content, ranging from editing the final text to the consent form of agreement to interviews givers, also the management of a memory project, which includes the use and safeguarding of the produced material. Finally, the work discuss the notions of history and memory highlighting that the traditions represented by the Syrian and Lebanese family show up for the group, as its most important asset.

Keywords: Oral History, Musealization Process, Social Memory

INTRODUÇÃO

O entendimento dos diversos processos de musealização ora em curso deve necessariamente levar em conta o notável incremento no número de mostras e exposições temáticas, que respondem pelo grande sucesso dos museus e também dos centros de memória nos últimos anos. Esse crescimento parece estar ligado à própria demanda por estabelecer com o passado uma relação ativa de memória, que pode ser facilmente observada nos grandes centros urbanos de vários países do mundo. Verifica-se uma maior atenção aos aspectos sociais da cultura, conferida por diferentes agentes, inclusive os governos nacionais e locais que formulam políticas públicas para promover e fomentar diversos aspectos da memória social, seja através de projetos de renúncia fiscal, de investimentos, seja de incentivos diretos à produção cultural. Como afirma Lia Calabre: “[V]erificamos que o período que tem início na última década do século XX e se estende aos dias atuais, segundo alguns estudiosos, tem entre seus processos distintivos o da ocorrência de um intenso movimento de institucionalização da cultura no campo das políticas públicas. Esta é uma afirmativa válida quando se trata de analisar a realidade latino-americana” (Calabre 2013, 323).

Outra realidade global que se percebe na contemporaneidade é um contínuo e acelerado processo de urbanização [ou “desurbanização de muitos lugares, que deixaram de ser tomados como suportes de memória, colocou em cena a atuação dos meios de comunicação na mediação de novas categorias, agora equilibradas a partir dos relatos midiáticos” (Silva 2010, 9)], fenômeno que vem engendrando mudanças no perfil da cultura humana e transformando as próprias práticas cotidianas. Uma dessas mudanças culturais diz respeito ao consumo de uma forma geral, produzindo reflexos na economia e no meio ambiente, mas também na dinâmica das relações pessoais e familiares, entre instituições e a sociedade e entre o Estado e os diferentes grupos e comunidades. Como destaca o filósofo da contemporaneidade Hermann Lübbe (1979): “A história sempre representa um complexo aglomerado de ações conscientes, afeições e consequências não pretendidas daquelas ações, o curso das histórias não pode ser reduzido a leis gerais, inviabilizando-se, assim, qualquer prognóstico quanto ao seu desenvolvimento futuro” (Lübbe 1979, 66).

Por conta disso, não só nas artes e nas letras, mas também em setores tão diversos como o da estética e o tecnológico, verifica-se uma nova experiência de recodificação do passado como presente, levando as práticas culturais da atualidade a desenhar um novo perfil da cultura urbana: “A proliferação de museus

em vários países, os gigantescos projetos de restauração de cidades, bairros, a defesa da preservação dos centros históricos e a construção de monumentos e efemérides se apresentam como o paradoxo aparente em uma época que se divide entre a manutenção do passado e o medo da obsolescência” (Silva 2009, 9).

Neste artigo pretendemos compartilhar com os leitores alguns conhecimentos e experiências, visando a oferecer uma contribuição à diversificação e à ampliação das formas e dos métodos dos processos de musealização. No caso em tela as informações oferecidas por pessoas são transformadas em acervos através das técnicas e metodologias que aqui descrevemos.

INFORMAÇÃO ENQUANTO CIÊNCIA

Os estudos de Paul Otlet, ainda na primeira metade do século passado, definem documentação enquanto coisas ou palavras. Por isso, o conceito de documentação passa a comportar coleções, catálogos ou classificações. Na verdade, segundo o autor, o que diferencia o museu e suas coleções, a biblioteca com seus livros e catálogos e o arquivo de documentos e as suas classificações é o grau de diferenciação desses objetos (Tanus *et all*, 2012). O tratamento da informação está presente nessas três áreas do conhecimento e é também matéria prima desses três diferentes espaços: o museu, a biblioteca e o arquivo. Nas palavras de Menezes (1994): “Outlet não vê a mostra ou exposição como uma operação documentária, salvo em casos particulares, mas defende os princípios de organização e tratamento dos objetos como documentos, visando extrair deles uma quantidade de informações com o objetivo de mostrar de forma didática, inteligível e agradável. O Museu é visto por Otlet como um centro de documentação que tem grandes semelhanças, no plano funcional, com a biblioteca, pois ambos trabalham com coleções, catálogos, classificações, identificação, conservação, etc. (...). O Museu é essencialmente uma forma institucionalizada de transformar objeto em documento” (Menezes 1994,14).

Na museologia, o tratamento que se dá a informação a transforma em objeto. Assim, a prática da microhistória permite que indivíduos comuns – que vivenciaram realidades ou cotidianos de instituições, ou acontecimentos históricos – falem ao pesquisador e contem tais acontecimento como testemunhas vivas, por exemplo, de um bairro que se transformou, de uma comunidade que aos poucos foi se formando em torno de um local, do histórico de uma instituição de serviço público, de um clube social, de uma universidade, de uma fábrica, de um movimento social etc.

Estamos falando de História Oral, metodologia de disciplina acadêmica, cujos usos são mundialmente reconhecidos nas áreas da antropologia, sociologia, história, psicologia, geografia e museologia, entre outras. Pesquisadores dessas disciplinas colocam-se diante do entrevistado/personagem para conduzir um depoimento que é devidamente gravado e documentado. A documentação produzida em cada projeto de memória – que consiste, basicamente, nas laudas de entrevistas gravadas, transcritas e editadas em texto (vale destacar a importância crucial do roteiro, que deve ser cuidadosamente elaborado com o objetivo de abordar uma parte ou a vida inteira do entrevistado. Leva-se em conta, em sua elaboração, o tipo de projeto em que se está trabalhando, as características específicas do grupo trabalhado, tendo a ética como princípio norteador) ou as imagens e os áudios, diretamente colhidos – é acompanhada, muitas vezes, pela documentação cedida pelo depoente, e eventualmente por textos de sua autoria. O entrevistado pode, ainda, compartilhar com o projeto em que o pesquisador está envolvido, a sua própria coleção de fotografias e documentos pessoais.

Evidentemente, tudo isso deve estar devidamente autorizado por quem cede a informação. É através de um documento próprio [termo de consentimento livre e esclarecido (TECLE)], obedecendo-se a um rigoroso código de ética que todo o projeto de pesquisa deve ter pronto antes de começar a fase de campo. Diferentemente das pesquisas e seus resultados em áreas tecnológicas, a área humana pode trazer o imponderável, o inesperado e até um transbordamento de emoções por parte do entrevistado.

Por causa disso, em pesquisa mais recentes, os posicionamentos éticos conferem o direito àquele depoente – que, no momento da entrevista, concordou e assinou toda documentação e formulários de autorizações – de retirar sua concordância em qualquer momento. Em última instância, ele pode pedir para o pesquisador se abster de mostrar ou publicar o material, inclusive as imagens ou textos, som da voz e todo o material reproduzido anteriormente cedido.

Apesar das implicações que as questões éticas podem trazer, é necessário, durante um projeto de pesquisa, configurar um corpo de memória e, levando-se em conta essa necessidade, organizar o acervo de acordo com o assunto pesquisado e as pessoas entrevistadas, com base em um recorte temporal. As organizações e instituições que financiam iniciativas como os projetos de memória em História Oral, geralmente têm interesse em transformar tais textos e imagens, depois de sistematizadas e editadas, em objetos museológicos, mas também em produtos.

Esses objetos e produtos geralmente estão ligados a um centro de memória institucional, que pode ser aberto para outros pesquisadores e o público em geral.

Os resultados de um projeto de História Oral devem necessariamente ser abrigados em um centro de documentação ou instituição congênere. O exemplo mais emblemático desses centros de documentações históricos é o pioneiro Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc), criada em 1973 no âmbito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, que guarda a memória de centenas de personagens da vida política e social do país, através de seus depoimentos orais, mas também de suas imagens e do som de suas vozes.

Estes “centros de memória”, “museus da imagem e do som” e “centros de documentação” muitas vezes produzem livros e outros materiais multimídia, promovem exposições museológicas, no intuito de mostrar o material colhido na fase de pesquisa e expor trechos de falas de entrevistados, juntamente com suas imagens em contexto expositivo de algum assunto. Este é um caminho para que instituições que trabalham com memória possam produzir e musealizar seus próprios acervos.

A produção de projetos embasados na História Oral é um processo de musealização específico, uma forma de produzir conteúdo ligados a pessoas e a memórias coletivas – histórias de comunidades ou de cidades, de algum bairro, história de instituições, recuperação de um determinado evento histórico específico, ou de biografias de pessoas, importantes ou não.

O interessante, neste caso é que além de produzir fontes, a metodologia também proporciona a democratização de informações acerca de lugares, eventos e pessoas ligadas a acontecimentos. Trata-se de dar voz ao cidadão ou grupo que viveu ou foi bastante impactado por acontecimentos históricos, tendo a oportunidade de escrever a história como viveram ou sentiram.

Além disso, no caso da museologia, todo o processo de produção destes conteúdos, representam uma nova forma de ‘acercamento’ do passado, mas também uma forma diferente de expor uma opinião ou um objeto. Na avaliação de Primo (2013), a criatividade constitui a: “Estratégia fundamental para a manutenção e o desenvolvimento de cada museu, na exploração de sua capacidade de inovar de modernizar a sua gestão, diversificar as iniciativas, ampliar sua presença no território no qual está inserido e atrair públicos. O

museu criativo é o museu que se instrumentaliza para vencer obstáculos e ultrapassar limites, agindo de modo inventivo e instigante, na perspectiva da sustentabilidade. São protagonistas da cena cultural e interferem hoje na vida social e econômica, referenciando uma nova atitude e um novo olhar no espaço da contemporaneidade” (Primo 2013, 22).

Como vimos, o novo museu deve ser capaz de dinamizar velhas práticas que já não são suficientes para traduzir os avanços sociais e tecnológicos. Em decorrência disso, a noção de patrimônio também foi alargada, proporcionando novas perspectivas para entender o passado, ou interpretar um objeto. A ampliação do conceito de patrimônio acarreta não somente numa redefinição do objeto museológico, ela também proporciona uma interação interdisciplinar e uma decisiva participação da comunidade nestas interpretações (Moutinho 2010, 9).

HISTÓRIA ORAL: METODOLOGIA E PRODUÇÃO DE FONTE HISTÓRICA

É assim que a História Oral, enquanto metodologia de “tratamento” dos acontecimentos passados, ou descrição de objetos, vai na via contrária da “grande história”, abrindo novas portas para o museu, transformando-o em “espaço de organização e evocação das referências culturais coletivas ao serviço do conhecimento e desenvolvimento sustentado de sistemas de administração de memórias” (Primo 2013, 22). Além disso, ela projeta o próprio museu na vanguarda da pesquisa, produzindo fontes e, ao mesmo tempo, contribuindo para musealizar a realidade.

O material que apresentamos a seguir é fruto de meses de trabalho dedicados à recuperação da memória de um movimento migratório que em muito contribuiu para a formação social e étnica da população brasileira: o dos sírios e libaneses. Uma equipe de pesquisadores composta por dois estagiários, estudantes da Escola de Relações Internacionais, e um coordenador, professor da Universidade, localizou, entrevistou, transcreveu, revisou e editou depoimentos de imigrantes e descendentes de pessoas nascidas no Líbano ou na Síria que migraram ao Brasil.

O ponto de partida foi a elaboração, de um roteiro com diversas questões, que veio a constituir o eixo das entrevistas. Concomitantemente, começamos a selecionar os possíveis depoentes. A tarefa de achar pessoas com o perfil desejado não foi simples, uma vez que os possíveis depoentes mostravam-se desconfiados e arredios diante do convite inesperado de abrirem suas vidas diante de um gravador de voz.

Os critérios usados como parâmetro para a escolha dos entrevistados do primeiro bloco (imigrantes) eram que a pessoa fosse nascida na Síria ou no Líbano e que tivesse mais de 70 anos de idade. Quanto aos critérios do segundo bloco (segunda geração), os depoentes deveriam ser filhos ou filhas de imigrantes sírios ou libaneses, cujo pai ou mãe, ou ambos, deveriam ter chegado ao Brasil até 1926, período de maior vigor desta corrente imigratória. Além disso, o entrevistado deveria, evidentemente, estar disposto a dar o seu depoimento e ter algo interessante para dizer. Procuramos também por pessoas conhecidas (políticos e artistas). Dividimos os depoimentos inicialmente em dois blocos mais ou menos homogêneos: nove depoimentos de imigrantes sírios e libaneses, que chegaram ao Brasil entre 1920 e 1957, e 21 depoimentos de filhos de imigrantes (a segunda geração), subdivididos por atividade profissional (profissionais liberais, comerciantes e donas de casa).

Afinal, a despeito do respaldo da universidade - que nos concedeu uma carta de apresentação, éramos pessoas desconhecidas. Esse impasse foi superado graças ao apoio providencial de algumas pessoas da comunidade árabe da cidade do Rio de Janeiro, que nos indicaram várias possibilidades de nomes para as entrevistas. Um professor de Direito indicou uma pessoa que, por sua vez, depois da entrevista concedida, apontou outras, ampliando, assim, nosso raio de ação. Outro recurso adotado foi a coleta de depoimentos de políticos e artistas conhecidos, descendentes, igualmente, de sírios e libaneses.

Estivemos, também, nos clubes Sírio e Libanês e Monte Líbano, nas igrejas Nossa Senhora do Líbano, São Nicolau e São Basílio, locais “informativos” dessas comunidades (a grande maioria dos sírios e dos libaneses que imigraram ao Brasil no início do século XX, eram, em sua maioria, cristãos e se dividiam em maronitas, melquitas e ortodoxos gregos). Buscamos ainda informações contidas em processos de naturalização depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e até mesmo à lista telefônica - contendo sobrenomes árabes, foi consultada e serviu bem aos nossos propósitos.

O quadro geral das 34 entrevistas realizadas, anexo a este texto, traz as datas da coleta dos depoimentos, o nome do entrevistado, assim como sua idade, origem e religião. De uma forma geral, fomos até a residência ou ao local de trabalho do depoente para realizar a entrevista. Em apenas três casos, os entrevistados foram até à Universidade.

OS ENTREVISTADOS E OS CONTEXTOS

O processo de pesquisa apresentou dois resultados principais: a produção de literatura e a disponibilização do material produzido. Além de ser esta uma tarefa nobre, ela é também produção de cultura, processo científico e como fruto da própria pesquisa, aquisição de um saber próprio e único. O material levantado, assim como o modo de fazer o trabalho, não se esgota em si. A coletânea de depoimentos constitui, na verdade, uma constelação de textos que compreendem vários assuntos. A história pessoal da pessoa, a evolução da cidade e de seus bairros, a história do comércio e outros assuntos estão disponíveis na íntegra para qualquer pessoa interessada.

Isso é importante na medida em que possibilita que as informações e o material colhido no campo, depois de catalogados e indexados, continuem sendo úteis para outros pesquisadores que buscam fontes para as suas pesquisas nos arquivos.

A categorização étnica foi a mais abrangente possível. Classificamos como árabes aquelas pessoas que nasceram em alguma cidade da Síria ou do Líbano, e cuja língua materna fosse o árabe. Procuramos, igualmente, não fazer nenhuma distinção entre as diversas orientações religiosas próprias daquela região do Oriente Médio.

Com isso acreditamos que a quantidade e a qualidade das características dos entrevistados refletem o próprio mapa do processo migratório dos sírios e libaneses para o Brasil. Vale dizer, migraram mais homens do que mulheres, mais cristãos (ortodoxos, maronitas e melquitas) do que praticantes de outras crenças, embora existam entre os entrevistados uma judia (da Síria) e dois muçulmanos.

A maioria dos imigrantes do Oriente Médio que vieram ao Brasil no início do século XX, era formada por cristãos do Líbano e do interior da Síria. Cronologicamente, as levadas migratórias árabes para o Brasil, estão divididas em pelo menos cinco ondas principais (A primeira onda, mais numerosa, ocorreu entre 1889 e 1914, a segunda entre 1918 e 1930, a terceira entre 1930 e 1948, a quarta entre 1948 e 1960 e quinta entre 1960 a 1984). Tais deslocamentos tiveram lugar no período compreendido entre a Proclamação da República no Brasil, em 1889, até uma data mais recente, no início dos anos 1980, com a eclosão da guerra e a ocupação do sul do Líbano por Israel.

Em nossa pesquisa, entrevistamos 34 pessoas entre imigrantes (4 pessoas) e filhos de imigrantes (30 pessoas), a chamada segunda geração (a primeira geração é o imigrante que está estabelecido na terra de destino, a segunda seus filhos e assim sucessivamente), procuramos por aqueles cujos pais vieram na primeira leva, (1889-1914). Alguns deles pessoas conhecidas, como é o caso do político e médico Jamil Haddad, do desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Miguel Pachá, do provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, o advogado Dahas Chade Zarur, e do dramaturgo e diretor teatral Amir Haddad.

Outros depoimentos, igualmente de brasileiros, descendentes de imigrantes árabes chegados ao Brasil nas primeiras duas levadas, são de profissionais liberais, comerciantes e donas de casa. Essas entrevistas têm em comum o fato de serem, todos eles, filhos e filhas de imigrantes. Os depoimentos estão permeados de subjetividades e por vezes de emoções, uma vez que eles falam de si próprios e de suas memórias, descrevem a imagem que nutrem de seus pais e dizem a respeito da cidade e do cotidiano em que vivem.

Os depoentes falam com espontaneidade, descrevem e reinterpretam fatos do passado, a luz daquele momento no presente. O ato de lembrar e depois contar é sempre uma revisita a si mesmo, posto que estamos sempre a mudar, sendo que a memória é um exercício constante de selecionar o que esquecer.

Neste bloco a maioria dos depoentes viu os pais no início de suas carreiras, mas também no fim de suas vidas. Eles ouviram as histórias, as canções, conheceram os amigos da família. Também ouviram o idioma árabe ser falado em casa, alguns até trabalharam no balcão da loja depois da escola, comeram o quibe feito no pilão, preparado pela mãe árabe, e foram, principalmente, os maiores destinatários e herdeiros do grande esforço dos pais, que ao se transmigrarem para o Brasil, fizeram de si mesmos brasileiros.

O filho de um imigrante é uma pessoa que tem (ou teve) vínculos com uma cultura estrangeira dentro da própria casa. A condição de filho de imigrante lhe confere a qualidade da hibridez. Ele é capaz de transitar livremente pelas fronteiras de dois mundos sem estranhamentos; um mundo árabe com uma linguagem própria, com valores, signos, temperos, cheiros e comidas distintas, e um outro mundo, este agora não mais estrangeiro, mas igualmente cheio de significados que se acumulam com a desenrolar da história que segue.

O fato é que no caso dos filhos de imigrantes sírios e libaneses no Brasil, podemos dizer que a maior parte deles recebeu a melhor educação possível, sendo que, grande parte dessas pessoas eram filhos de pais analfabetos ou com muito pouca instrução.

Vale dizer que a segunda geração, cujos pais que chegaram nas primeiras levadas migratórias, ingressou no mercado de trabalho quando o Brasil passava pela transição de um sistema arcaico e agrário, para uma economia urbana e industrializada. Foi justamente na metade do século XX que o país deixa de ser um essencialmente rural, abrindo oportunidades para aqueles que tinham educação formal. A segunda geração desses árabes entrou em peso nas profissões liberais, resultantes, sobretudo, da constituição de um aparato estatal que estimulava a industrialização do país.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM PERSPECTIVA

As entrevistas representaram, sobretudo, o universo das práticas sociais dos imigrantes e dos descendentes de imigrantes de sírios e libaneses na cidade do Rio de Janeiro. O foco da pesquisa esteve centrado no desempenho das atividades econômico-profissionais da chamada segunda geração da diáspora síria e libanesa na cidade na cidade. Ademais, o trabalho buscou compreender, a partir dos relatos de vida selecionados como fonte para essa pesquisa, como as memórias individuais se entrecruzam na construção de uma memória coletiva do grupo.

A história e a memória são categorias distintas. A história, organizada através de métodos que lhe são próprios, é o lugar autorizado para se falar do passado; a reconstrução dos fatos, através de fontes escritas e de documentos, segue uma visão cronológica e linear, tida, nas sociedades modernas, como expressão da verdade daquilo que se passou. Essa visão de história fica sujeita aos riscos que o pensamento cartesiano pode ensejar: aquilo que se tem como passado oficial pode penetrar com toda força, varrendo a memória das pessoas e se instaurando no senso comum do grupo.

A memória, por sua vez, é sensação individual, fragmentada e não cronológica, que a pessoa e o grupo que está inserida reúne e guarda. São como restos ou ruínas do pensamento, que obedecem a uma lógica própria, complementar e anárquica, e cujo grupo ajuda a consolidar e representar.

A memória individual pode trair, confundir ou até não esquecer fatos do passado, mas também pode recuperar situações há muito esquecidas. Podemos compará-la a uma moeda cujo anverso é o esquecimento, por isso o grupo tem um papel importantíssimo na memória individual. Afinal, assim como lembrar é marcação simbólica no imaginário das pessoas, o esquecimento é, igualmente, fenômeno da memória que constrói uma identidade e um patrimônio coletivo.

Não há, porém, lembrança individual sem contexto social, uma vez que o indivíduo é produto de seu meio e se expressa através de linguagem. A linguagem é o princípio. Em termos físicos, corporais, o homem se iguala a qualquer outro animal; o pensamento, e conseqüentemente a linguagem, é que faz toda a diferença. E esta parte especial do homem é aquela que não se pode ver. A essência da realidade não está nos objetos ou nas coisas, que são somente signos visíveis; é a palavra que confere aos sentimentos o que a realidade e a história oficial não conseguem trazer.

CONCLUSÃO

A contribuição destes imigrantes para a formação étnica e cultural do Brasil é imensa e não se esgota na geração dos pioneiros a quem se atribuiu, com as suas práticas comerciais, a dinamização do comércio e o impulso inicial da industrialização do país. Eles deixaram como herança uma geração de pessoas que também foram importantes para a continuidade do processo de urbanização e modernização da sociedade nacional. Com a recuperação e a salvaguarda das informações produzidas nesta pesquisa, o Museu passa a possuir um saber exclusivo e próprio, que corresponde a um patrimônio cultural que contém informações relevantes para o processo de identidade cultural de uma parte importante da população, mas além disso, também adquire a capacidade de reutilização desses conteúdos de diversas formas e situações em um contexto museológico.

BIBLIOGRAFIA

Alberti, Verena. 2004. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Calabre, Lia. 2013. "História das políticas culturais na América Latina: um estudo comparativo de Brasil, Argentina, México e Colômbia". In Escritos Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 7 número 7, Rio de Janeiro, 2013 (323).

Fontoura, Marcelo da. 2012. A documentação de Paul Otlet: uma proposta para a organização racional da produção intelectual do homem. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB, Brasília.

Francisco, Julio. 2005. “Sírios e libaneses no Rio de Janeiro”. In Koifman, Fábio (org.). Coleção Memórias da Imigração. Rio de Janeiro: Editora Rio.

Lübbe, Hermann. 1979. “Wieso es keine Theorie der Geschichte gibt”. In Kocka, Jürgen & Nipperdey, Thomas (org.). Theorie und Erzählung in der Geschichte. München: DTV, 1979, (65–84).

Menezes, Sonia M. Silva. 2007. “Os historiadores e os “fazedores de História”: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática”. In Revista OPSIS, Goiânia, V. 7, n.º 09, jul/dez. 2007.

Menezes, Sonia M. Silva. 1994. “Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico”. In Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, n.º 2 (9-42, 75-84).

Moutinho, Mário C. 2010. “Los ecomuseus para la armonia mundial”. In Notícias Del ICOM, vol. 63, n.º 1 (9), junho.

Primo, Judite. 2013. “Museus Hibridização Cultural e territorialidades”. In Cadernos de Sociomuseologia, n.º 2 vol. 46, Porto.

Tanus, Gabrielle; Renau, Leonardo; Araújo, Carlos. 2012. “O conceito de documento em arquivologia, biblioteconomia e museologia”. In Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, V. 8, n.º 2 (158-174), jul./dez. 2012.

ANEXO I. QUADRO GERAL DOS ENTREVISTADOS (HOA- HISTÓRIA ORAL ÁRABES)

Nº	Nome/ Sobrenome	Origem/ Destino	Origem Religiosa	Nascimento dia/mês/ano	Chegada ano	Entrevista data
Hoa 01	Roberto Habib, Professor	Líbano/ Tijuca/Barra	Ortodoxa	25.03.1947	Pai, antes I Guerra	08.11.02
Hoa 02	Demétrio Habib	Líbano/ Coelho Neto/ Saara	Ortodoxa	05.05.1927	Pai, antes I Guerra	19.11.02
Hoa 03	Alphonse Nagib Sabahgh	Deir-El-Kamar Líbano/ Rio	Melquita	02.09.1919	1957	22.11.02
Hoa 04	Joseph Ghanem	Líbano/ Beskinta/ Saara	Maronita	06.06.1924	1949	28.11.02
Hoa 05	George Latif Bedran	Líbano/ Shimut Niteroi	Maronita	06.04.1925	1953	09.12.02
Hoa 06	Jorge Wadih Bedran	Tijuca/Ipanema	Maronita	04.09.1937	Pai 1926	09.12.02
Hoa 07	Roland Khalil Gebara	Damasco/ Síria Copacabana	Melquita	30.01.1930	1947	11.12.02
Hoa 08	Eva A. Messa Neme	Areal/RJ/ Copacabana/ Saara	Muçulmana	25.11.1931	Pai antes I Guerra	16.12.02
Hoa 09	Amir Haddad	Síria/ Guaxupé/ Rio	Ordotoxo	02.07.1937	Pai antes I Guerra	07.01.03
Hoa 10	Jurema R. E. Zacharias	Síria/ E. de Dentro RJ	Ortodoxo	25.02.1929	Pai antes I Guerra	09.01.03
Hoa 11	Marianna Z. Kaiúca	Síria/ Niterói/ Gávea	Ortodoxo	20.03.1903	1919	10.01.03
Hoa 12	Fouad Chalfun	Tijuca/Ipanema	Católico	01.12.1910	Pai antes I Guerra	15.01.03
Hoa 13	Habib Abduche	Santa Maria RS/ Rio/Saara	Melquita	10.10.1927	Pai depois I Guerra	16.01.03
Hoa 14	Nagib Chamon	Promissão SP/ Leblon/RJ	Católico	12.05.1933	Pai depois I Guerra	06.02.03
Hoa 15	Jovelina Sales Mansur	Líbano/ Ubá MG/ Leblon	Católico	20.12.1925	Pai antes I Guerra	07.02.03
Hoa 16	Jorge Fadel	Líbano GambôaTijuca	Católico	19.06.1917	Pai antes I Guerra	07.02.03

Hoa 17	Alberto João Richa	Saara /Leblon	Ortodoxo	20.10.1931	Pai antes I Guerra	11.02.03
Hoa 18	Dahas C. Zarur	Saara/Méier/Leblon	Ortodoxo	12.03.1926	Pai antes I Guerra	13.02.03
Hoa 19	Fouad Tranjan	Síria/Saara/Copacabana	Ortodoxo	27.11.1925	1947	14.02.03
Hoa 20	Jamil Sahadi	Síria/Catiguá SP/Méier /RJ	Melquita	29.04.1935	Pai depois I Guerra	19.02.03
Hoa 21	Jawad S. Ghazi	Trípoli/Líbano Saara	Ortodoxo	27.06.1937	1953	24.02.03
Hoa 22	Lourdes Chalhub	Síria/Ipanema	Ortodoxo	20.01.1936	Pai depois I Guerra	25.02.03
Hoa 23	Adélia Cury	Síria/Ipanema	Católica	02.04.1920	Pai depois I Guerra	25.02.03
Hoa 24	Cid Curi	Síria/Grajaú/Tijuca	Melquita	16.05.1945	Pai depois I Guerra	26.02.03
Hoa 25	Muhamad Amin Baccar	St.Cruz do Sul/RS Copab.	Muçulman	02.07.1932	Pai antes I Guerra	27.02.03
Hoa 26	Youssef Said Zaitar	Líbano/ Nova Iguaçu	Católico	10.05.1948	1957	10.03.03
Hoa 27	Miguel Pachá	Síria/ Petrópolis RJ	Ortodoxo	19.05.1935	Pai 1926	13.03.03
Hoa 28	Atala Abraão	/Juazeiro CE/Saara/ Niterói	Ortodoxo	20.07.1930	Pai depois I Guerra	14.03.03
Hoa 29	Harbie Cohen	Aleppo/Copacabana	Judia	23.08.1920	1938	23.03.03
Hoa 30	Victoria Chaia	Líbano/Campo Grande	Maronita	07.06.1925	Pai antes I Guerra	25.03.03
Hoa 31	Jorge Darze	Líbano/ Méier	Ortodoxo	28.06.1919	Pai antes I Guerra	08.04.03
Hoa 32	João Wehbi Dib	Síria/ Santos/Saara/Leblon	Ortodoxo	26.01.1933	Pai 1926	15.04.03
Hoa 33	Jamil Haddad	Líbano/Saara/Tijuca	Ortodoxo	02.04.1926	Pai antes I Guerra	24.04.03
Hoa 34	Wadih Jorge Bedran	Líbano/Tijuca/Ipanema	Maronita	06.01.1908	1920	25.05.03

ANEXO II

Uma típica entrevista (depois de transcrita e editada- fragmento)

Meu nome se pronuncia exatamente assim, Muhamad Amin Baccar. Nasci em 02 de julho de 1932, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. O nome do meu pai é Ahemed Amin Baccar e o da minha mãe Naigla Baccar.

Meu pai veio do Líbano, acho que com uns 18 anos...

Meu pai veio do Líbano, acho que com uns 18 anos. Ele é de uma cidade chamada Joadet Marjajoûn. Minha mãe já é filha de libaneses, nascida no Brasil. A minha mãe nasceu em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. A família dela é Bugazel, em árabe eu não sei, talvez seja Burdzem ou coisa que o valha. Minha mãe falava português, ela não falava árabe. Aprendeu a falar árabe com meu pai. Ou seja, o que ele tinha que falar com ela em árabe ela entendia... Tenho duas irmãs vivas, são Bader e Fátima.

Era analfabeta em português e em árabe

Eu só conheci minha avó materna, só. Ela falava árabe, português muito mal. Era analfabeta em português e em árabe. Tenho lembranças muito boas dela, principalmente porque ela era ótima cozinheira. Era uma pessoa comum do interior do Rio Grande do Sul, usava um coque na época, vestia-se com roupas compridas, em geral mais escuras, mais austeras. Mas era o comum daquela época, para aquela idade dela. Tudo o que ela fazia era delicioso, principalmente o quibe, o charutinho. Ah, ela fazia de pilão é claro. Eles eram cristãos.

Não tem mesquita até hoje

Da família do meu pai só veio ao Brasil uns tios dele. Sei que a família desses tios em São Paulo é muito grande. O meu pai veio jovem. Casou-se aqui com uma patrícia cristã, pois naquela época ele não havia possibilidades de achar muçulmanas para casar. Lá, naquela região do Rio Grande do Sul, acho que não tem mesquita até hoje. Todavia pelo que eu lembro, ele sempre foi um homem muito religioso. Ele só fazia as orações com todas as flexões do dia depois que ele se aposentou, aí ele passou a ser um religioso ferrenho mesmo. Ele falava muito pouco dele, aliás, pouquíssimo, mas é muito simples.

O que vou falar são conclusões minhas...

O que vou falar são conclusões minhas.... Interpretando ao longo das histórias que ele contava. Ele chegou na época da Primeira Grande Guerra, foi justamente quando o Império Otomano se desmanchou. Ele veio até com um passaporte turco. Chegou em São Paulo e já tinha uns parentes dele na cidade de São Jorge. Só depois ele foi para o Rio Grande do Sul.

Então ele veio fugido para depois voltar

Ele tinha uns tios aqui. Não sei se foi por isso que ele veio.... O que eu acho é que ele veio porque havia uma guerra entre os muçulmanos e os franceses, que dominavam essa área de Marjayoûn. Ele não dizia nada, eu que concluí. Ele era do exército. Do exército local. Quer dizer que devia ser de uma força de libertação nacional. É, deve ter sido. Eu sei que a cabeça dele estava a prêmio, então ele veio fugido para depois voltar.

Meu avô foi fuzilado pelos franceses

Pouco tempo depois houve as independências da Síria e do Líbano. Antes disso, por exemplo: eu sei assim de história que escutava... Meu avô foi fuzilado pelos franceses. O meu pai tinha um ódio dos franceses tremendo. Quer dizer, o que está acontecendo hoje na Palestina, no Oriente Médio, já existia naquela época em relação aos ingleses e franceses. Meu avô foi fuzilado porque era das forças revolucionárias lá.

Ele usou gravata preta até o final da vida

Então eu me lembro bem que quando meu avô morreu, quer dizer, quando se soube da notícia, meu pai passou a usar uma gravata preta e ele usou até o final da vida. Isso eu era pequeno e ele usou até quando morreu. Ele não falava nada do pai dele, sei apenas que ele estava no exército, então não tinha profissão. Se chegou com 18 anos, então veja você que ele era muito jovem.